

Camarada de viagem

O pobre Johannes estava em grande pesar: seu pai jazia à beira da morte. Estavam sozinhos em seu quartinho; a lâmpada sobre a mesa consumia-se; aproximava-se a noite.

— Foste um filho bom para mim, Johannes! — disse o doente. — Deus não te abandonará com Sua misericórdia!

E ele olhou para Johannes com ternura e seriedade, respirou fundo e morreu, como se adormecesse. Johannes chorou. Agora ficara completamente órfão: sem pai, sem mãe, sem irmãs, sem irmãos! Pobre Johannes! Permaneceu muito tempo de joelhos diante da cama, beijando as mãos do falecido, banhado em lágrimas amargas, mas depois seus olhos se fecharam, a cabeça inclinou-se sobre a borda da cama, e ele adormeceu.

E teve um sonho maravilhoso.

Via o sol e a lua curvarem-se diante dele, via novamente seu pai fresco e vigoroso, ouvia sua risada, aquela mesma com que sempre ria quando estava especialmente alegre; uma linda donzela com uma coroa de ouro nos cabelos longos e maravilhosos estendia a mão a Johannes, enquanto seu pai dizia: «Vês que noiva tens? A mais bela de todo o mundo!»

Nesse instante Johannes acordou, e adeus a toda aquela magnificência! Seu pai jazia morto, frio, e ninguém restara a Johannes! Pobre Johannes!

Uma semana depois enterraram o falecido; Johannes seguia atrás do caixão. Nunca mais veria seu pai, que tanto o amara! Johannes ouviu a terra bater na tampa do caixão, viu como o caixão era coberto: já só se avistava uma pontinha, mais um punhado de terra — e o caixão desapareceu por completo. O coração de Johannes quase se partiu de dor. Sobre a sepultura cantavam salmos; o canto maravilhoso comoveu Johannes até às lágrimas, ele chorou, e sua alma sentiu-se mais leve. O sol iluminava tão amigavelmente as árvores verdes, como se dissesse: «Não te aflijas, Johannes! Olha que belo é o céu azul — lá teu pai ora por ti!»

— Levarei uma vida boa! — disse Johannes. — E então também irei ao céu encontrar meu pai. Que alegria será quando nos reencontrarmos! Quantas histórias terei para contar! E ele me mostrará todas as maravilhas e belezas do céu e novamente me ensinará, como costumava fazer aqui na terra. Que alegria será!

E imaginou tudo isso com tal vividez que até sorriu entre lágrimas. Os passarinhos, pousados nos ramos das castanheiras, chilreavam e cantavam alto; estavam alegres, embora tivessem acabado de presenciar um enterro, mas sabiam que o falecido agora estava no céu, que lhe haviam crescido asas, muito mais belas e grandes que as deles, e que era plenamente feliz, pois levava aqui na terra uma vida bondosa.

Johannes viu como os passarinhos levantaram voo das árvores verdes e subiram bem alto, bem alto, e ele próprio sentiu desejo de voar para algum lugar distante. Mas primeiro era preciso colocar uma cruz de madeira sobre a sepultura do pai. À tarde trouxe a cruz e viu que a sepultura estava toda coberta de areia e adornada com flores — disso cuidaram pessoas estranhas, que muito amavam seu bom pai.

No dia seguinte, bem cedo pela manhã, Johannes amarrou todos os seus bens num pequeno embrulho, escondeu no cinto todo o seu capital, herdado do pai — cinquenta táleres e algumas moedas de prata —, e estava pronto para pôr-se a caminho. Mas antes foi ao cemitério, à sepultura do pai, recitou sobre ela o «Pai Nosso» e disse:

— Adeus, pai! Procurarei ser sempre bom, e tu roga por mim no céu!

Depois Johannes voltou-se para o campo. No campo cresciam muitas flores frescas e belas; aqueciam-se ao sol e balançavam suas cabecinhas ao vento, como se dissessem: «Sejas bem-vindo! Não é verdade que aqui está bem?» Johannes voltou-se mais uma vez para olhar a velha igreja, onde fora batizado quando criança e para onde ia aos domingos com seu bom pai cantar salmos. Bem alto, bem alto, no topo da torre do sino, numa das janelinhas redondas, Johannes viu um pequeno duende com um gorro vermelho pontiagudo, que estava de pé, protegendo os olhos do sol com a mão direita. Johannes fez-lhe uma reverência, e o pequenino duende agitou altamente em resposta seu gorro vermelho, levou a mão ao coração e enviou a Johannes vários beijos aéreos — tão ardentemente desejava ele a Johannes uma boa viagem e tudo de bom!

Johannes passou a pensar nas maravilhas que o aguardavam neste mundo enorme e belo, e seguiu adiante com ânimo, cada vez mais longe, para onde jamais estivera; já surgiam cidades estranhas, rostos desconhecidos — afastara-se muito, muito de sua pátria.

A primeira noite teve de passá-la no campo, num monte de feno — não havia outro leito disponível. «Ora, e daí?», pensou ele, «nem o próprio rei teria quarto melhor!» De fato, o campo com um riacho, um monte de feno e o céu azul sobre a cabeça — que quarto melhor? Em vez de tapete, a grama verde com flores vermelhas e brancas; em vez de buquês em vasos, arbustos de sabugueiro e

roseira-brava; em vez de bacia para lavar-se, o riacho com água cristalina e fresca, cercado de juncos, que acenavam amigavelmente a Johannes e lhe desejavam boa noite e bom dia. Alto, sob o teto azul, pendia uma enorme luminária noturna — a lua; essa luminária não incendiaria as cortinas! E Johannes pôde adormecer completamente tranquilo. Assim fez, dormiu profundamente a noite inteira e só acordou cedo pela manhã, quando o sol já brilhava e os pássaros cantavam:

— Bom dia! Bom dia! Ainda não te levantaste?

Os sinos chamavam para a igreja, era domingo; o povo ia ouvir o sacerdote; Johannes também foi, cantou um salmo, ouviu a palavra de Deus, e pareceu-lhe estar em sua própria igreja, onde fora batizado e para onde ia com o pai cantar salmos.

No cemitério da igreja havia muitas sepulturas, totalmente tomadas por ervas daninhas. Johannes lembrou-se da sepultura do pai, que com o tempo poderia assumir o mesmo aspecto — pois não haveria quem cuidasse dela! Sentou-se no chão e começou a arrancar as ervas daninhas, endireitou as cruzes que haviam tombado e recolocou no lugar as coroas arrancadas pelo vento, pensando consigo: «Talvez alguém faça o mesmo na sepultura do meu pai».

À porta do cemitério estava um velho mendigo aleijado; Johannes deu-lhe toda a sua miudeza de prata e seguiu alegremente pelo mundo afora.

Ao anoitecer reuniu-se uma tempestade; Johannes apressou-se a buscar abrigo para a noite, mas logo caiu escuridão total, e ele conseguiu chegar apenas a uma capelinha, que se erguia solitária num outeiro à beira da estrada; a porta, por sorte, estava aberta, e ele entrou para esperar que a tempestade passasse.

— Aqui ficarei sentado num cantinho! — disse Johannes. — Estou muito cansado e preciso descansar.

E ajoelhou-se no chão, juntou as mãos, recitou a oração da noite e outras que conhecia, depois adormeceu e dormiu tranquilamente, enquanto no campo relampejava e trovejava.

Quando Johannes acordou, a tempestade já passara, e a lua brilhava diretamente pelas janelas. No meio da capelinha estava um caixão aberto com um defunto, que ainda não haviam conseguido enterrar. Johannes não se assustou nem um pouco — sua consciência estava limpa, e ele sabia bem que os mortos não fazem mal a ninguém, ao contrário dos vivos maus. Dois desses justamente estavam junto do morto, colocado na capelinha à espera do enterro. Queriam ofender o pobre falecido — lançá-lo do caixão para o limiar.

— Por que fazeis isso? — perguntou-lhes Johannes. — Isso é muito mau e pecaminoso! Deixai-o repousar em paz!

— Bobagem! — disseram os homens maus. — Ele nos enganou! Tomou nosso dinheiro, não devolveu e morreu! Agora não receberemos dele nem um centavo; assim, pelo menos vingamo-nos dele — que jaza como um cão, atrás da porta!

— Tenho apenas cinquenta táleres — disse Johannes —, é toda a minha herança, mas de bom grado vos os darei, se me prometerdes deixar o pobre falecido em paz! Poderei viver sem dinheiro, tenho um par de mãos saudáveis, e Deus não me abandonará!

— Bem — disseram os homens maus —, se pagares por ele, não lhe faremos nenhum mal, fica tranquilo!

E tomaram de Johannes o dinheiro, zombaram de sua simplicidade e seguiram seu caminho, enquanto Johannes acomodou cuidadosamente o defunto no caixão, cruzou-lhe as mãos, despediu-se dele e, com o coração alegre, retomou sua jornada.

Foi preciso atravessar uma floresta; entre as árvores, iluminadas pelo luar, brincavam lindos pequeninos elfos; não tinham medo algum de Johannes; sabiam bem que ele era um homem bom e inocente, pois somente os homens maus não podem ver os elfos. Alguns dos pequeninos não eram maiores que um dedo mínimo e penteavam seus longos cabelos louros com pentes de ouro, outros balançavam-se sobre grandes gotas de orvalho, pousadas nas folhas e hastes da grama; às vezes

Uma gota rolava, e com ela os elfos, direto para a grama espessa, e então, entre as outras criaturinhas, levantava-se tal gargalhada e algazarra! Era terrivelmente divertido! Eles cantavam, e Johannes reconheceu todas as lindas canções que ele mesmo cantava quando criança. Grandes aranhas multicoloridas, com coroas de prata nas cabeças, tinham de lançar, de arbusto em arbusto, pontes suspensas para os elfos e tecer palácios inteiros que, se uma gota de orvalho caísse sobre eles, brilhavam à luz da lua como cristal puro. Mas eis que o sol nasceu, as pequenas criaturas elfas escalaram as cálices das flores, e o vento arrebatou suas pontes e palácios, levando-os pelo ar como simples teias de aranha.

Johannes já havia saído da floresta quando, de repente, atrás dele soou uma voz masculina sonora:

— Ei, companheiro, para onde segues?

— Para onde os olhos miram! — disse Johannes. — Não tenho pai nem mãe, sou órfão completo, mas Deus não me abandonará!

— Eu também sigo pelo mundo branco, para onde os olhos miram — disse o desconhecido. — Que tal irmos juntos?

— Vamos! — disse Johannes, e partiram juntos.

Logo passaram a gostar muito um do outro: ambos eram pessoas excelentes. Mas Johannes notou que o desconhecido era muito mais esperto que ele, tinha percorrido quase o mundo inteiro e sabia contar histórias sobre tudo.

O sol já estava alto quando se sentaram sob uma grande árvore para fazer um lanche. E então apareceu uma velha decrépita, toda curvada, com um cajado nas mãos; nas costas carregava um feixe de gravetos, e do avental bem preso saíam três grandes maços de samambaias e varas de salgueiro. Quando a velha chegou ao nível de Johannes e seu companheiro, de repente escorregou, caiu e gritou alto: a pobre quebrara a perna.

Johannes imediatamente propôs ao companheiro que levassem a velha para casa, mas o desconhecido abriu sua mochila, tirou dela um frasco e disse à velha que tinha uma pomada que a curaria instantaneamente, e ela poderia ir para casa como se nada tivesse acontecido. Mas, em troca, ela deveria dar-lhe aqueles três maços que trazia no avental.

— Boa paga! — disse a velha, balançando a cabeça de modo estranho. Ela não queria separar-se de suas varas, mas também não era agradável ficar deitada com a perna quebrada; assim, entregou-lhe as varas, e ele imediatamente passou a pomada na perna dela; um, dois — e a velhinha pulou de pé e começou a andar mais rápido que antes. Que pomada era aquela! Não se encontrava tal coisa em nenhuma botica!

— Para que precisas dessas varas? — perguntou Johannes ao companheiro.

— Ora, por que não buquês? — respondeu ele. Gostei muito delas: sou mesmo um excêntrico!

Depois caminharam ainda um bom trecho.

— Olha como está ficando nublado — disse Johannes, apontando com o dedo à frente. — Que nuvens!

— Não — disse seu companheiro —, isso não são nuvens, mas montanhas, montanhas altas, pelas quais se pode chegar até as próprias nuvens. Ah, como é lindo lá em cima! Amanhã estaremos muito, muito longe!

As montanhas não estavam tão perto quanto pareciam: Johannes e seu companheiro caminharam o dia inteiro antes de chegar ao lugar onde começavam

as florestas escuras, que subiam quase até o céu, e onde jaziam massas de pedra do tamanho de uma cidade; subir aquelas montanhas não era brincadeira, e por isso Johannes e seu companheiro entraram numa estalagem situada lá embaixo para descansar e recuperar as forças.

No andar térreo, na taverna, havia muita gente reunida: o dono de marionetes instalara ali, no meio da sala, seu pequeno teatro, e o povo sentara-se diante dele em semicírculo para apreciar o espetáculo. Na frente de todos, no melhor lugar, sentara-se um açougueiro gordo com um buldogue enorme. Uau, como o buldogue olhava ferozmente! Também ele se sentara no chão e fitava o espetáculo de olhos arregalados.

O espetáculo começou e correu maravilhosamente bem: num trono de veludo estavam sentados o rei e a rainha, com coroas de ouro nas cabeças e vestidos com caudas longuíssimas — seus recursos permitiam tal luxo. Em todas as entradas estavam as mais belas bonecas de madeira, com olhos de vidro e bigodes grandes, abrindo as portas para arejar os cômodos. Em suma, o espetáculo era maravilhoso e nada triste; mas eis que a rainha se levantou, e mal dera alguns passos quando, sabe-se lá o que aconteceu com o buldogue: o dono não o segurava, ele saltou direto para o palco, agarrou a rainha pelos dentes na cintura fina e — craque! — partiu-a ao meio. Que horror!

O pobre dono das marionetes ficou terrivelmente assustado e aflito pela pobre rainha: era a mais bela de todas as suas bonecas, e de repente aquele buldogue hediondo arrancara-lhe a cabeça! Mas então o povo dispersou, e o companheiro de Johannes disse que consertaria a rainha; tirou o frasco com a mesma pomada com que untara a perna quebrada da velha e passou na boneca; a boneca imediatamente ficou inteira novamente e, além disso, começou a mover sozinha todos os membros, de modo que não era mais preciso puxá-la por cordões; resultava que a boneca estava totalmente como viva, só não podia falar. O dono das marionetes ficou muito satisfeito com isso: agora não precisava mais controlar a rainha, ela podia dançar sozinha, ao contrário das outras bonecas!

À noite, quando todas as pessoas na hospedaria foram dormir, alguém de repente começou a suspirar tão profunda e prolongadamente que todos se levantaram para ver o que acontecera e com quem, e o dono das marionetes aproximou-se de seu pequeno teatro — os suspiros vinham de lá. Todas as bonecas de madeira, o rei e os guardas-costas, jaziam misturadas, suspirando profundamente e arregalando seus olhos de vidro; também eles queriam ser untados com a pomada, como a rainha — então poderiam mover-se sozinhos! A rainha, por sua vez, ajoelhou-se e estendeu sua coroa de ouro, como que dizendo: "Tomem-na, apenas unjam meu esposo e meus cortesãos!" O pobre homem não conseguiu conter as lágrimas,

tanta pena sentiu de suas bonecas; foi até o companheiro de Johannes e prometeu dar-lhe todo o dinheiro que arrecadasse com o espetáculo da noite, se ele untasse com a pomada quatro ou cinco das melhores bonecas. O companheiro de Johannes disse que não aceitaria dinheiro, mas que o dono lhe desse a grande espada que pendia ao seu lado. Tendo-a recebido, untou seis bonecas, que imediatamente começaram a dançar, e tão alegremente que, ao vê-las, todas as moças vivas e verdadeiras também se puseram a dançar; dançaram o cocheiro, a cozinheira, os lacaios, as empregadas, todos os hóspedes e até a paz de carvão e as tenazes; bem, estes dois últimos estatelaram-se logo no primeiro salto. Sim, foi uma noite alegre!

Na manhã seguinte, Johannes e seu companheiro deixaram a hospedaria, escalaram as altas montanhas e adentraram imensos pinheirais. Os viajantes finalmente subiram tão alto que os campanários lá embaixo lhes pareciam pequenas bagas vermelhas no verde, e, para onde quer que olhassem, avistavam várias milhas ao redor. Johannes nunca vira tamanha beleza; o sol quente brilhava intensamente no céu azul e transparente, nas montanhas ecoavam sons de cornetas de caça, havia tanta graça ao redor que lágrimas de alegria brotaram nos olhos de Johannes, e ele não pôde deixar de exclamar:

— Meu Deus! Como eu te beijaria por seres tão bom e teres criado para nós este mundo maravilhoso!

O companheiro de Johannes também estava de pé, com os braços cruzados sobre o peito, contemplando as florestas e cidades iluminadas pelo sol. Nesse instante, sobre suas cabeças, ouviu-se um canto maravilhoso; ergueram os olhos — no ar fluava um grande e belo cisne branco, cantando como nenhuma outra ave jamais cantara; mas sua voz soava cada vez mais fraca, ele inclinou a cabeça e desceu suavemente até o chão: a bela ave jazia morta aos pés de Johannes e seu companheiro!

— Que asas maravilhosas! — disse o companheiro de Johannes. — Tão grandes e brancas, não têm preço! Podem nos ser úteis! Vês, foi bom que eu trouxesse a espada comigo!

E, com um único golpe, cortou ambas as asas do cisne.

Depois caminharam ainda muitas, muitas milhas pelas montanhas e finalmente viram diante de si uma grande cidade com centenas de torres que brilhavam ao sol como prata; no centro da cidade erguia-se um magnífico palácio de mármore, com telhado de ouro puro; ali vivia o rei.

Johannes e seu companheiro não quiseram imediatamente sair para explorar a cidade, mas pararam numa hospedagem para limparem-se um pouco da viagem e

se arrumarem antes de aparecer nas ruas. O dono da hospedagem contou-lhes que o rei era um homem muito bom e nunca faria mal a ninguém, mas que sua filha era má, muito má. Certamente, era a primeira beleza do mundo, mas de que adiantava, se além disso era uma bruxa perversa, por causa da qual tantos belos príncipes haviam perecido. O fato é que a qualquer um — e

ao príncipe e ao mendigo era permitido pedir a mão dela: o noivo apenas tinha de adivinhar três coisas que a princesa imaginasse; se ele as adivinhasse, ela se casaria com ele e, após a morte do pai dele, ele se tornaria rei de todo o país; caso contrário, estava-lhe reservada a pena de morte. Eis que tipo de beleza hedionda era a princesa! O velho rei, seu pai, muito se entristecia com isso, mas nada podia fazer contra ela e, de uma vez por todas, recusou-se a tratar dos seus pretendentes — que ela, pois, lidasse com eles como quisesse. E assim surgiam pretendente após pretendente; obrigavam-nos a adivinhar e, pelo fracasso, eram executados — que não se metessem nisso, afinal tinham sido avisados antecipadamente!

O velho rei, contudo, entristecia-se tanto com isso que, uma vez por ano, permanecia de joelhos na igreja durante um dia inteiro, ainda mais acompanhado de todos os seus soldados, rogando a Deus que a princesa se tornasse mais bondosa, mas ela nem queria saber disso. As velhas que gostavam de beber tingiam a vodca de preto — de que outra forma poderiam exprimir sua tristeza?

— Que princesa hedionda! — disse Johannes. — Deveriam castigá-la com vergastas. Se eu fosse o rei-pai, dar-lhe-ia uma boa lição!

Nesse exato momento, o povo na rua gritou "hurra". A princesa passava; de fato, era tão bela que todos esqueciam quão maligna ela era e lhe gritavam "hurra". A princesa era cercada por doze belas damas montadas em cavalos negros; todas vestiam vestidos de seda branca, segurando tulipas douradas nas mãos. A própria princesa montava um cavalo branco como a neve; todo o arreio estava cravejado de diamantes e rubis; o vestido da princesa era de ouro puro, e o chicote em suas mãos brilhava como um raio de sol; sobre a cabeça da bela resplandecia uma coroa toda feita como se fosse de verdadeiras estrelinhas, e sobre os ombros lançara-se um manto cosido com cem mil asas transparentes de libélulas, mas a própria princesa era ainda melhor que todos os seus adornos.

Johannes olhou para ela, ficou vermelho como uma papoula e não conseguiu proferir palavra: ela era igualzinha àquela donzela de coroa dourada que ele vira em sonho na noite da morte do pai. Ah, ela era tão bela que Johannes não pôde deixar de amá-la. "Não pode ser", disse consigo mesmo, "que ela seja realmente tal bruxa e mande enforcar e executar pessoas se não adivinharem o que ela

imaginou. É permitido a todos pedir sua mão, até ao último mendigo; irei então também eu ao palácio! Do destino, parece, não se foge!"

Todos tentaram dissuadi-lo, pois aconteceria com ele o mesmo que com os outros. O companheiro de viagem de Johannes decidiu que, Deus querendo, tudo correria bem, limpou as botas e o casaco, lavou-se, penteou seus belos cabelos louros e foi sozinho, completamente sozinho, à cidade e depois ao palácio.

— Entre! — disse o velho rei quando Johannes bateu à porta. Johannes abriu a porta, e o velho rei recebeu-o vestido num roupão; nos pés trazia chinelos bordados, na cabeça uma coroa, numa mão o cetro, na outra o globo.

— Espere! — disse ele, e colocou o globo debaixo do braço para estender a mão a Johannes.

Mas assim que ouviu que diante dele havia um novo pretendente, começou a chorar, deixou cair das mãos tanto o cetro quanto o globo e pôs-se a enxugar as lágrimas com as abas do roupão. Pobre velhinho rei!

— Melhor nem tentar! — disse ele. — Contigo acontecerá o mesmo que com todos! Olha só!

E levou Johannes ao jardim da princesa. Brrr... que horror! Em cada árvore pendiam três, quatro príncipes que outrora haviam pedido a mão da princesa, mas não conseguiram adivinhar o que ela imaginara. Bastava soprar um ventozinho e os ossos batiam ruidosamente uns contra os outros, assustando os pássaros, que nem ousavam espiar aquele jardim. Como estacas para flores serviam ossos humanos, em vasos de flores espetavam-se caveiras com dentes à mostra — eis que tipo de jardim tinha a princesa!

— Estás vendo! — disse o velho rei. — Contigo acontecerá o mesmo que com eles! Melhor nem tentar! Tu me entristeces terrivelmente, tomo isso tão perto do coração!

Johannes beijou a mão do bom rei e disse que, mesmo assim, tentaria, pois a bela princesa lhe agradara demasiadamente.

Nesse instante, a princesa entrou no pátio com suas damas, e o rei com Johannes saíram para saudá-la. Ela era de fato encantadora, estendeu a mão a Johannes, e ele a amou ainda mais do que antes. Não, certamente ela não podia ser tão má, tão hedionda bruxa como diziam as pessoas.

Foram para o salão, e pequenos pajens passaram oferecendo-lhes compota e biscoitos de mel, mas o velho rei estava tão aflito que não conseguia comer nada, e os biscoitos eram duros demais para seus dentes!

Ficou decidido que Johannes viria ao palácio na manhã seguinte, e os juízes e todo o conselho se reuniram para ouvir como ele adivinharia. Se ele conseguisse na primeira tentativa, viria mais duas vezes; mas ninguém jamais conseguira adivinhar sequer uma vez, todos pagavam com a cabeça pela primeira tentativa.

Johannes não se preocupava minimamente com o que lhe aconteceria; estava muito alegre, pensava apenas na encantadora princesa e acreditava firmemente que Deus não o abandonaria sem sua ajuda; de que modo o ajudaria — Johannes não sabia, nem queria pensar nisso, e ia caminhando, dançando ligeiramente pela estrada, até finalmente retornar à estalagem onde o esperava seu companheiro.

Mas o companheiro de viagem de Johannes balançou tristemente a cabeça e disse:

— Eu te amo tanto, poderíamos passar juntos ainda muitos dias felizes, e de repente terei de perder-te! Meu pobre amigo, estou pronto a chorar, mas não quero entristecer-te: hoje, talvez, seja o último dia que passamos juntos! Divirtamo-nos então pelo menos hoje! Terei tempo de chorar bastante amanhã, quando tu fores ao palácio!

Toda a cidade soube imediatamente que a princesa tinha um novo pretendente, e todos ficaram terrivelmente tristes. O teatro fechou, as vendedoras de doces envolveram seus porcos de açúcar em crepe preto, e o rei e os sacerdotes reuniram-se na igreja e, de joelhos, oraram a Deus. A dor era universal: pois com Johannes deveria acontecer o mesmo que com os demais pretendentes.

À noite, o companheiro de Johannes preparou ponche e convidou Johannes a divertir-se bem e beber à saúde da princesa. Johannes bebeu dois copos, e sentiu um sono terrível, seus olhos fecharam-se sozinhos, e adormeceu profundamente. O companheiro levantou-o da cadeira e deitou-o na cama, e ele próprio, aguardando a noite, pegou duas grandes asas que cortara de um cisne morto, amarrou-as aos ombros, meteu no bolso o maior molho de varas dentre os que recebera da velha que quebrara a perna, abriu a janela e voou diretamente ao palácio. Ali sentou-se num canto sob a janela do quarto da princesa e ficou esperando.

Na cidade reinava silêncio, silêncio; eis que bateram três quartos para as doze, a janela abriu-se de par em par e saiu a princesa num longo manto branco, com grandes asas negras às costas. Dirigiu-se diretamente à alta montanha, mas o companheiro de viagem de Johannes tornou-se invisível e voou atrás dela,

fustigando-a com as varas até sangrar. Brrr... que voo foi aquele! Seu manto ondulava ao vento como uma vela, e através dele transpassava a lua.

— Que granizo! Que granizo! — dizia a princesa a cada golpe das varas, e bem merecido lhe era.

Finalmente chegou à montanha e bateu. Então, como se trovejasse, a montanha abriu-se; a princesa entrou, e atrás dela o companheiro de Johannes — pois ele se tornara invisível, ninguém o via. Percorreram um corredor longuíssimo com paredes estranhamente cintilantes, por onde corriam milhares de aranhas de fogo, ardendo como brasas. Em seguida, a princesa e seu companheiro invisível entraram num grande salão de prata e ouro; nas paredes resplandeciam grandes flores vermelhas e azuis semelhantes a girassóis, mas Deus nos livre de colhê-las! Seus caules eram repugnantes serpentes venenosas, e as próprias flores eram chamas que saíam de suas bocas. O teto estava salpicado de vaga-lumes e morcegos azulados, que batiam incessantemente suas asas finas; espantoso espetáculo! No meio do salão erguia-se um trono sobre quatro esqueletos de cavalo em vez de pernas; o arreio dos cavalos era feito de aranhas de fogo, o próprio trono de vidro leitoso branco, e as almofadas sobre ele de ratinhos negros, agarrados uns aos outros pelas caudas com os dentes. Sobre o trono havia um dossel de teia de aranha vermelho-vivo, salpicado de bonitas moscas verdes, que brilhavam não menos que pedras preciosas. No trono estava sentado um velho troll; sua cabeça disforme estava coroada, e nas mãos segurava um cetro. O troll beijou a princesa na testa e fez-a sentar-se junto a si no

precioso trono. Então a música começou a tocar; grandes gafanhotos negros tocavam gaitas de boca, e a coruja batia com as asas na própria barriga — pois não tinha outro tambor. Que concerto foi aquele! Pequenos gnomos, com fogos-fátuos nas suas toucas, dançavam pelo salão. Ninguém viu o companheiro de viagem de Johannes, mas ele estava atrás do trono e via e ouvia tudo!

Havia no salão muitos cortesãos elegantes e importantes; mas quem tivesse olhos perceberia que tais cortesãos nada mais eram senão simples varas com repolhos no lugar de cabeças — o troll os havia animado e vestido com trajes bordados a ouro; aliás, que importa, se serviam apenas para ostentação!

Quando a dança terminou, a princesa contou ao troll sobre o novo noivo e perguntou o que ela deveria imaginar na manhã seguinte, quando ele viesse ao palácio.

— Eis o que deve fazer — disse o troll —, é preciso escolher algo tão simples que nem lhe passe pela cabeça. Pense, por exemplo, no seu sapato. Ele jamais

adivinhará! Mande então cortar-lhe a cabeça, mas não se esqueça de trazer-me amanhã à noite os seus olhos; eu os comerei!

A princesa fez uma profunda reverência e disse que não se esqueceria. Em seguida, o troll abriu a montanha, e a princesa voou para casa, enquanto o companheiro de Johannes voava atrás dela e a fustigava tanto com varas que ela gemia e queixava-se de uma forte granizada, apressando-se com todas as forças para chegar à janela do seu quarto. O companheiro de viagem de Johannes voltou para a estalagem; Johannes ainda dormia; seu companheiro desatou as próprias asas e também se deitou na cama — afinal, estava bastante cansado!

Mal raiou a aurora, Johannes já estava de pé; seu companheiro de viagem também se levantou e contou-lhe que durante a noite tivera um sonho estranho — como se a princesa tivesse pensado no seu sapato — e por isso pediu a Johannes que certamente mencionasse à princesa a palavra "sapato". Ele próprio ouvira aquilo na montanha, junto ao troll, mas não quisera contar nada a Johannes.

— Ora, para mim dá no mesmo o que quer que seja mencionado! — disse Johannes. — Talvez teu sonho se realize: eu sempre pensei que Deus me ajudaria! Mas mesmo assim despeço-me de ti — se eu não adivinhar, nunca mais nos veremos.

Beijaram-se, e Johannes partiu para o palácio. O salão estava abarrotado de gente; os juízes sentavam-se em poltronas, encostando as cabeças em almofadas de plumas de eider — pois tinham muito que pensar! O velho rei estava de pé, enxugando os olhos com um lenço branco. Mas eis que entrou a princesa; estava ainda mais bela que no dia anterior, fez uma graciosa reverência a todos e, estendendo a mão a Johannes, disse:

— Ora, bom dia!

Agora era preciso adivinhar no que ela havia pensado. Meu Deus, com que ternura ela olhava para Johannes! Mas assim que ele pronunciou: "sapato", ela ficou branca como giz e tremia por todo o corpo. Contudo, nada havia a fazer — Johannes adivinhara.

Eh lá! O velho rei até deu uma cambalhota de alegria, todos ficaram de boca aberta! E começaram a aplaudir o rei, e também Johannes — por ter adivinhado corretamente.

O companheiro de Johannes brilhou de satisfação ao saber como tudo correria bem, enquanto Johannes juntou as mãos devotamente e agradeceu a Deus, esperando que Ele o ajudasse também nas próximas vezes. Pois no dia seguinte seria preciso voltar novamente.

A noite transcorreu tal como na véspera. Quando Johannes adormeceu, seu companheiro voou novamente atrás da princesa e fustigou-a ainda mais fortemente que na primeira vez, pois levava consigo dois maços de varas; ninguém o viu, e ele novamente escutou o conselho do troll. A princesa deveria desta vez pensar na sua luva, o que o companheiro transmitiu a Johannes, invocando outra vez o seu sonho. Johannes adivinhou pela segunda vez, e no palácio houve tanta alegria que mal se podia conter! Toda a corte pôs-se a dar cambalhotas — afinal, o próprio rei dera o exemplo no dia anterior. Enquanto isso, a princesa jazia no divã e nem sequer queria conversar. Agora tudo dependia de Johannes adivinhar pela terceira vez: se sim, casar-se-ia com a bela princesa e herdaria, após a morte do velho rei, todo o reino; se não, seria executado, e o troll comeria seus belos olhos azuis.

Naquela noite, Johannes deitou-se cedo, recitou a oração antes de dormir e adormeceu tranquilamente, enquanto seu companheiro prendeu as asas ao corpo, cingiu uma espada ao lado, pegou todos os três maços de varas e voou em direção ao palácio.

A escuridão era tal que não se via nada à frente; desencadeara-se uma tempestade tão violenta que telhas caíam dos telhados, e as árvores do jardim, juntamente com os esqueletos, curvavam-se ao vento como juncos. Os relâmpagos cintilavam a cada minuto, e o trovão fundia-se num único estrondo contínuo. Eis que a janela se abriu, e a princesa saiu voando, pálida como a morte; mas ela ria da intempérie — ainda lhe parecia pouco; sua capa branca agitava-se ao vento como uma enorme vela, enquanto o companheiro de viagem de Johannes a fustigava até sangrar com todos os três maços de varas, de modo que, no final, ela mal conseguia voar e chegou com dificuldade extrema à montanha.

— A granizada corta como faca! Que tempestade horrível! — disse ela. — Nunca em minha vida tive de sair de casa com tempo tão ruim.

— Sim, vê-se que levaste o teu quinhão! — disse o troll.

A princesa contou-lhe que Johannes adivinhara pela segunda vez; se o mesmo acontecesse pela terceira, ele venceria a prova, ela não poderia mais voar até a montanha nem praticar feitiçaria. Havia, portanto, motivo para tristeza.

— Ele não adivinhará mais! — disse o troll. — Encontrarei algo que jamais lhe passará pela cabeça; caso contrário, ele seria um troll ainda pior do que eu. E agora vamos dançar!

E, tomando a princesa pelas mãos, puseram-se a dançar juntamente com os gnomos e os fogos-fátuos, enquanto as aranhas saltavam alegremente para cima e para baixo pelas paredes, como se fossem chamas vivas. A coruja batia no tambor,

os grilos assobiavam, e os gafanhotos negros tocavam gaitas de boca. Que baile animado!

Depois de dançarem à vontade, a princesa apressou-se para voltar para casa, caso contrário poderiam sentir falta dela; o troll disse que a acompanharia, e assim permaneceriam juntos por mais tempo.

Voavam eles, enquanto o companheiro de Johannes a fustigava com todos os três maços de varas; nunca antes o troll presenciara uma granizada tão terrível.

Diante do palácio, ele se despediu da princesa e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Pensa na minha cabeça!

O companheiro de Johannes, contudo, ouviu suas palavras, e no exato instante em que a princesa deslizou pela janela e o troll ia virar-se para trás, agarrou-o pela longa barba negra e decepou com a espada sua cabeça hedionda até os ombros!

O troll nem teve tempo de piscar os olhos! O corpo do troll, o companheiro de viagem de Johannes atirou no lago, enquanto a cabeça mergulhou na água, depois amarrou-a num lenço de seda e voou com este pacote para casa.

Na manhã seguinte, entregou o pacote a Johannes, mas ordenou-lhe que não o desamarrasse até que a princesa perguntasse no que ela havia pensado.

O grande salão do palácio estava abarrotado de gente; as pessoas apertavam-se umas contra as outras como arenques num barril. O conselho sentava-se em poltronas com macias almofadas sob as cabeças, e o velho rei vestira roupas novas; sua coroa e seu cetro haviam sido polidos magnificamente; quanto à princesa, estava pálida e vestida de luto, como se fosse a um funeral.

— No que pensei? — perguntou ela a Johannes.

Imediatamente ele desamarrou o lenço e ele próprio se assustou com a cabeça horrível do troll. Todos estremeceram de horror, e a princesa permaneceu sentada, petrificada, sem dizer palavra. Finalmente, levantou-se, estendeu a mão a Johannes — pois ele adivinhara — e, sem olhar para ninguém, disse com um profundo suspiro:

— Agora és meu senhor! Esta noite celebraremos o casamento!

— Isso sim é do meu agrado! — disse o velho rei. — Isso sim é assunto sério!

O povo gritou "viva", a guarda do palácio tocou uma marcha, os sinos repicaram, e as vendedoras de doces retiraram o crepe funerário dos porcos de açúcar — agora havia alegria por toda parte! Na praça foram expostos três bois assados recheados

com patos e galinhas — todos podiam aproximar-se e cortar um pedaço para si; nas fontes jorrava o mais delicioso vinho, e nas padarias, a cada pessoa que comprasse pretzels por dois centavos, davam de brinde seis grandes pães com passas.

À noite, toda a cidade estava iluminada, os soldados disparavam canhões, os garotos estalavam bombinhas, e no palácio comia-se, bebia-se, brindava-se e dançava-se. Nobres cavaleiros e belas donzelas dançavam uns com os outros e cantavam tão alto que se ouvia na rua:

Muitas há aqui de belas donzelas,
Que gostam de dançar e cantar!
Pois tocai então uma dança alegre,
Chega de donzelas sentadas a estar!
Ei, donzela, mais animada,
Não poupes os teus sapatos nada!

Mas a princesa continuava sendo uma bruxa e de modo algum amava Johannes; seu companheiro de viagem não se esquecera disso, deu-lhe três penas de cisne e um frasco com certas gotas, e ordenou-lhe que colocasse diante da cama da princesa uma tina

com água; depois Johannes deveria derramar ali essas gotas e jogar as penas, e quando a princesa fosse deitar-se na cama, empurrá-la para dentro da tina e mergulhá-la na água três vezes — então a princesa libertar-se-ia do feitiço e o amaria profundamente.

Johannes fez tudo exatamente como lhe fora dito. A princesa, ao cair na água, gritou alto e debater-se-á nas mãos de Johannes, transformando-se num grande cisne negro como azeviche, com olhos brilhantes; na segunda vez, ela já emergiu como um cisne branco, restando apenas no pescoço um estreito anel negro; Johannes invocou Deus e mergulhou a ave pela terceira vez — no mesmo instante, ela tornou-se novamente a bela princesa. Ela estava ainda mais bela do que antes e, com lágrimas nos olhos, agradeceu a Johannes por tê-la libertado dos encantamentos.

Pela manhã, o velho rei apresentou-se a eles com toda a sua comitiva, e começaram os parabéns. Por último, chegou o companheiro de viagem de Johannes, com um bastão na mão e uma mochila às costas. Johannes beijou-o repetidamente e pediu-lhe que ficasse — pois era a ele que devia a sua felicidade! Mas aquele abanou a cabeça e disse carinhosamente:

— Não, chegou a minha hora! Apenas paguei a minha dívida para contigo. Lembra-te do pobre homem morto que os maus queriam ofender? Tu deste-lhes

tudo o que tinhas, só para que não perturbassem o seu descanso na sepultura.
Esse homem morto sou eu!

No mesmo instante, ele desapareceu.

As festividades do casamento duraram um mês inteiro. Johannes e a princesa amavam-se profundamente, e o velho rei viveu ainda muitos anos felizes, balançando nos joelhos e divertindo com o seu cetro e globo os netos, enquanto Johannes governava o reino.